Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 31, p. 101 - 114, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2020.v16i31.10750

'TEU CORPO É O ESPAÇO MAIS TEU POSSÍVEL': Construindo a análise do corpo como espaço geográfico

'YOUR BODY IS YOUR MOST POSSIBLE SPACE': Building an analysis of the body as a geographical space.

'TU CUERPO ES EL ESPACIO MÁS TUYO POSIBLE': Construyendo el análisis del cuerpo como espacio geográfico

Mayã Polo de Campos - UEPG
Joseli Maria Silva - UEPG

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender o corpo como espaço geográfico por meio da perspectiva de mulheres vítimas de violência sexual. Para operacionalizar esta proposta de pesquisa foi realizado o levantamento de informações de 77 inquéritos que cobriam um período de janeiro a dezembro de 2014, disponíveis na Delegacia da Mulher no ano de 2015. Além disso essa pesquisa se baseia na sistematização do conteúdo discursivo de 11 entrevistas com mulheres que sofreram violência sexual, por meio das técnicas propostas por Badin (1977) e Silva e Silva (2016). A análise empreendida constitui a noção de que as mulheres que sofreram violência sexual consideram o corpo como um espaço íntimo violado. Além disso a ideia do espaço íntimo violado traz conexões com outras escalas espaciais como o espaço privado, ou a casa, a cidade e a nação.

Palavras – chave: Corpo; Espaço Geográfico; Violência Sexual; Gênero

ABSTRACT

This paper aims at understanding the body as a geographical space through the perspective of women that are victims of sexual violence. To carry out this research proposal, information was collected from 77 police inquiries available at the Women's Police Station, covering a period from January to December 2014. The research is also based on the systematization of the discourse content of 11 interviews with women who suffered sexual violence using the techniques put forward by Badin (1977) and Silva and Silva (2016). The analysis developed constitutes the notion that the women who suffered sexual violence consider their body as a violated intimate space. In addition, the idea of violated intimate space makes connections with other special scales such as private space, or home, city and nation.

Keywords: Body; Geographical Space; Sexual Violence; Gender

RESUMEN

El objetivo de este artículo es comprender el cuerpo como espacio geográfico por medio de la perspectiva de mujeres víctimas de violencia sexual. Para operacionalizar esta propuesta de investigación se realizó el levantamiento de informaciones de 77 encuestas que cubrían un período de enero a diciembre de 2014, disponibles en la Comisaría de la Mujer en el año 2015. Además esta investigación se basa en la sistematización del contenido discursivo de 11 entrevistas con mujeres que sufrieron violencia sexual, por medio de las técnicas propuestas por Badin (1977) y Silva e Silva (2016). El análisis emprendido constituye la noción de que las mujeres que sufren violencia sexual consideran el cuerpo como un espacio íntimo violado. Además, la idea del espacio íntimo violado tras conexiones con otras escalas espaciales como el espacio privado, o la casa, la ciudad y la nación.

Palabras clave: Cuerpo; Espacio Geográfico; Violencia sexual; Género

Introdução

A frase expressa por uma das mulheres entrevistadas no processo de pesquisa foi adotada como título desse artigo pois ela ilustra nosso argumento principal que é construir a compreensão do corpo como espaço geográfico na perspectiva das mulheres vítimas de violência sexual.

As mulheres são a maioria das vítimas de violência sexual, conforme aponta o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2015). Do total de 47.646 registros de violência sexual em todo o Brasil, apenas 35% das vítimas realizam a denúncia. Os dados do Ministério da Saúde (2005) são ainda mais preocupantes, pois apenas 10% dos casos de violência sexual são notificados aos órgãos competentes. O Paraná figura nesse cenário como o terceiro colocado em número absoluto de casos notificados com 3584, atrás apenas do Rio de Janeiro (5885), segundo lugar, e São Paulo (12057) em primeiro.

Esta pesquisa se baseou em 77 inquéritos, envolvendo 81 vítimas de violência sexual, que cobriam um período de janeiro a dezembro de 2014 e disponibilizados em 2015 pela Delegacia da Mulher de Ponta Grossa. Do total de 81 casos, 72,5% envolveram meninas de até 14 anos de idade. Os indiciados como autores da violência sexual são homens com idade que variam entre 16 e 68 anos e em 77% dos casos, esses homens têm alguma relação familiar com as vítimas.

Os inquéritos evidenciam que há um forte componente de gênero nos casos de violência sexual que opõe vítima e agressor nos polos feminino e masculino respectivamente. O gênero para esta pesquisa é compreendido como atos reiterados que se constituem nas vivências de corpos de homens e de mulheres, sem que haja uma essência natural dos sexos, conforme propõe Butler (2003, 2005, 2006). Assim, gênero não é algo fixo, mas está profundamente ligado às diferenças temporais e espaciais de como os corpos são compreendidos. Os corpos vivenciam normas instituídas socialmente que, por sua vez, expressam classificações hierárquicas que posicionam de forma diferente homens e mulheres a serem, ou não, vitimados pela violência sexual.

Pelo fato das mulheres figurarem, em sua maioria, como vítimas de violência sexual nos inquéritos estudados, foram realizadas onze entrevistas com pessoas que sofreram violência sexual e se dispuseram a colaborar com a pesquisa. O conteúdo discursivo transcrito em 156 páginas foi sistematizado pela metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), Silva e Silva (2016).

O artigo está estruturado em duas seções. Na primeira, evidenciamos que a ideia do corpo como espaço geográfico não é recente na geografia, tendo já uma tradição de investigação sob esta perspectiva, notadamente no contexto anglófono, desenvolvido pelas geografias feministas e das sexualidades. Na segunda seção, com base na análise dos discursos femininos, evidenciamos a constituição de um espaço geográfico corporificado a partir dos relatos da violência sexual.

O discurso geográfico e a emergência da compreensão do corpo como espaço

Toda pesquisa científica nos leva a caminhos desconhecidos e nem sempre as hipóteses iniciais se confirmam. Depois da análise dos 77 inquéritos, nos quais foram detectados 81 casos de violência sexual, já era possível detectar o padrão de gênero desses crimes. Os indiciados como autores em 77% dos casos eram homens heterossexuais, do convívio familiar e mais velhos do que suas vítimas e em 72,5% dos casos as crianças e adolescentes do sexo feminino eram as vítimas. Sabedores desse perfil de gênero que opõe autor/homem e vítima/mulher iniciamos a busca por pessoas que haviam sofrido violência sexual para a realização de entrevistas. Nossa expectativa inicial era de que o viés espacial que compunha a violência sexual fosse apontado pelas vítimas como sendo locais específicos da cidade onde a violência havia ocorrido e que estes espaços fossem constituídos por suas memórias como espaços de fobia.

Nossas expectativas foram desfeitas na medida em que as entrevistas avançavam. A narrativa desenvolvida pelas vítimas reconstituía a experiência da violência sexual trazendo o corpo como um espaço íntimo que foi violado. Consideramos, conforme Pollak (1992), que as memórias das vítimas não é o resgate do fato em si, mas a forma como o passado é rememorado na mediação com o presente em um processo de negociação entre si e os outros.

Em vez de citar as localizações do crime que sofreram, como a rua, a casa, um clube e assim por diante, as vítimas traziam o próprio corpo como espaço geográfico em suas narrativas. Diante de hipóteses desfeitas e a ausência dos estudos do corpo na tradição geográfica brasileira, conforme argumenta Silva e Silva (2016), Ornat e Chimin Junior (2013), iniciamos uma exploração de como o corpo, trazido nas narrativas femininas como espaços íntimos, poderiam ser alicerçados na ciência geográfica.

Lefebvre (1991 [1974]) em sua obra clássica *The production of space* já argumentava a centralidade do corpo na teoria do espaço social. Para ele, o corpo humano não é um mero produtor do espaço material mas é, ele próprio, espaço. Afirma que "antes de produzir efeitos na esfera material (ferramentas e objetos), antes de produzir-se por alimentar-se daquela esfera material e antes de se reproduzir, gerando outros organismos, cada corpo vivo é espaço..."(Lefebvre, 1991 [1974], p. 170, tradução nossa). Este autor, influente inspirador da geografia brasileira, traz o corpo como importante elemento, tanto na esfera da produção econômica capitalista, como na da reprodução social, evidenciando haver uma interdependência entre elas. A corporificação dos sujeitos trazidos em sua análise está embebida pelas representações simbólicas das marcas que as pessoas carregam em seu corpo, envolvendo assim, as relações de poder.

Na teoria lefebvriana do espaço social o corpo recebe especial atenção porque na tríade conceitual de compreensão do espaço social proposta por ele (a prática espacial, as representações de espaço e os espaços de representação) só é possível olhar as resistências sociais contrárias na imposição da ordem, quando se considera as práticas humanas e os simbolismos criados na experiência espacial.

Para Lefebvre (1991 [1974], p. 40) "a relação com o espaço de um 'sujeito' que é membro de um grupo ou sociedade implica sua relação com seu próprio corpo e vice-versa". A vivência corpórea implica a mediação cultural no tempo e no espaço. O corpo como fundamento da energia material que pressupõe ações produz as representações de espaço e as vivências espaciais. O espaço para não é um vazio a ser preenchido mas, segundo ele,

> Pode-se dizer que o corpo, com a sua capacidade de ação, e as suas várias energias, cria espaço? Seguramente. Mas não no sentido da ocupação dita como uma espacialidade fabricada; em vez disso, há uma relação imediata entre o corpo e seu espaço, entre a distribuição do corpo no espaço e sua ocupação do espaço. Antes de produzir efeitos na esfera material (ferramentas e objetos), antes de se produzir, por alimentar-se daquela esfera material e antes de se reproduzir, gerando outros organismos, cada corpo vivo é espaço e tem seu espaço: ele se produz no espaço e também produz esse espaço. Esta é uma relação verdadeiramente notável: o corpo com as energias à sua disposição, o corpo vivo cria, ou produz, o seu próprio espaço; em contrapartida, as leis do espaço, que significa dizer as leis de diferenciação no espaço, também governam o corpo vivo e a utilização de suas energias. (Lefebvre, 1991 [1974], p. 170, tradução nossa).Assim, o corpo vivo, em movimentos, gestos e ações produzem espaço e é "no corpo, considerado espacialmente, que as sucessivas camadas de sentidos (do olfato à visão, tratados como diferenças em um campo diferenciado) prefiguram os níveis do espaço social e suas interconexões." (Lefebvre, 1991 [1974], p. 405, tradução nossa).

A experiência humana é simultaneamente corporificada e espacial e isso pressupõe considerar as diferenças dos corpos que são componentes do processo. Longhurst (1997) e Silva (2009a e 2009b) argumentam que o corpo só passou a ser considerado como um elemento geográfico, na medida em que a ideia da existência de um sujeito neutro, sem rosto, sem sexo, sem idade, sem cor da pele foi desconstruída e de que as diferenças corpóreas modificam a natureza das relações entre sujeito e espaço.

McDowell (1999) argumenta que o fato das feministas terem lutado por muito tempo para superar a ideia de que a biologia de seus corpos era frágil e isso justificaria a inferioridade feminina em relação aos homens, houve a necessidade de um marcante esforço por parte

delas para superar a resistência ao corpo como elemento de análise espacial. Herod (2011) e Simonsen (2000) apontam que as proposições feministas acabaram tendo um papel fundamental no desenvolvimento das relações entre corpo e espaço, notadamente pelas geógrafas feministas afiliadas às ideias desconstrucionistas, pós-coloniais e pós-estruturalistas.

A superação da ideia de corpo como natureza imutável foi o foco fundamental das teorias feministas. Butler (2005 e 2006) argumenta que os corpos são ativos, e deixam de ser simples pedaços de carne para tornarem-se corpos sexuados porque são apropriados e significados pela cultura. As significações são espaço-temporais, tensionadas por relações de poder, podendo então os corpos serem compreendidos como espaços políticos e lugares de resistência, conforme defendem as feministas negras como Angela Davis (1998 e 2004 [1981]), bell hooks (1982, 1989, 2004 [1984]) e Gayatri Spivak (1988).

O corpo na análise geográfica não possui uma definição simples, pois sua materialidade feita de carne, ossos, órgãos e assim por diante, está submetida ao discurso que é sempre espacial, conforme argumentam Binnie, Longhurst e Peace (2001). As características corporais como tamanho, a forma, a saúde, a aparência, a vestimenta, o comportamento, a sexualidade fazem diferença nas experiências espaciais das pessoas e também afetam como nós interpretamos e somos interpretados pelos outros, como sustentam Johnston e Longhurst (2010).

Os geógrafos Pile e Thrift (1995) e Nast e Pile (1998) constroem a ideia dos corpos como lugares de identidade, moralidade, estética, ação, trabalho, lazer, prazer e dor, sendo o meio pelo qual nos diferenciamos dos demais seres, comunicamos a moral, realizamos julgamentos, desempenhamos ações, práticas e estratégias. Os corpos são capazes de criar as condições de sua existência cotidiana, de reproduzir outros corpos e vivenciar estágios corporais como a juventude, velhice, saúde, doença e deficiência que instituem, por sua vez, distintas espacialidades. Portanto, o corpo é móvel, fluído e sua materialidade está eternamente em negociação com a exterioridade.

O corpo é uma materialidade acionada socialmente e segundo Grosz (1995, p. 104)

> ...ele é, por assim dizer, organicamente / biologicamente / naturalmente 'incompleto'; é indeterminado, amorfo, uma série de potencialidades não coordenadas que requer um acionamento social, um ordenamento, uma contínua administração, regulamentada em cada cultura e época.

Os inúmeros corpos, com diversas formas, características, estágios de existência se constituem como lugar social, político e geográfico, sendo também uma escala a partir da qual as pessoas se conectam com outras escalas espaciais, tal qual imaginado por Valentine (2001). Para esta geógrafa, o corpo marca a fronteira entre o eu e o outro, se constituindo em um espaço pessoal, um espaço de prazer e dor em que definições de bem-estar, doença, capacidade física, felicidade e saúde são construídas socialmente.

Os corpos compreendidos como espaço que negociam com outras escalas, podem sofrer, segundo Pile (1996), processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Os fluxos de poder agem sobre o corpo que não é um espaço passivo, ele pode se ajustar e internalizar a ordem, mas também criar resistências. Pensar no corpo como uma escala geográfica em constante negociação com outras escalas espaciais implica trazer para a discussão a ideia de Martson (2000). Esta geógrafa feminista entende a escala como construção social que organiza hierarquicamente o mundo, assim como Delaney e Laitner (1997) argumentam que a escala não é um fato em sim, mas uma forma de concepção e enquadramento da realidade espacial. Da mesma forma, Smith (1992, 1993) afirma que a diferenciação geográfica da escala estabelece e é estabelecida através da estrutura geográfica das interações sociais.

Portanto, a escala não existe em si, mas se faz da construção social que, tanto é uma maneira de representar e organizar a realidade socioespacial, como tal representação se torna também uma base material sobre a qual ações humanas se desenvolvem. O corpo como espaço estabelece conexões com outras escalas, trazendo especificidades a serem investigadas pela geografia. Rich (1984) desenvolveu a expressão '*Geography closest in - the body*' (Geografia mais próxima – o corpo). Ela traz o corpo com suas características e evidencia que sua localização define sentidos e poderes próprios a ele. O corpo é geopoliticamente

localizado, na medida que uma mesma característica pode ganhar um sentido diferente, dependendo de sua localização e portanto, das relações escalares. Diz ela:

> ...um lugar no mapa é também um lugar na história dentro do qual, como uma mulher, judia, lésbica, feminista eu sou criada e eu estou tentando criar. Comece porém, não com um continente ou um país ou uma casa, mas com a geografia mais próxima - o corpo. (Rich, 1984, p. 212-213, tradução nossa).Os corpos são atravessados por poderes de outras escalas como as políticas de maternidade, do aborto, da heterossexualidade compulsória, da política do estupro, da esterilização forçada, da política do racismo e assim por diante. A reivindicação do direito sobre o corpo faz dele um espaço de luta social. O corpo é uma escala espacial ativamente produzida 'em' e 'através' das relações de interação espaciais.

Smith (1992) argumenta que:

> O local físico primário da identidade pessoal, a escala do corpo, é socialmente construída. O lugar do corpo marca a fronteira entre o Eu e o Outro num sentido tanto físico, como social e envolve a construção de um 'espaço pessoal' para além de um espaço definido literalmente fisiológico.(…) Como o lugar de prazer e dor, ele também tem necessidades, desejos e medos, e é o órgão biológico em torno do qual as definições sociais de doença e saúde são construídos. O cuidado com o corpo, o acesso físico 'ao' e 'pelo' corpo, e o 'controle' sobre o corpo são as vias centrais da contestação da escala corporal. (Smith, 1992, p. 67, tradução nossa).

O corpo é um espaço estratégico e tático na perspectiva de Brown (2000) que desenvolve a ideia do 'armário'. O armário se institui a partir de uma ampla variedade de escalas espaciais que são negociadas (o corpo, a cidade, a nação e o mundo). Quando pessoas que fogem à ordem da heterossexualidade compulsória percebem outras escalas espaciais como homofóbicas o corpo cria uma espécie de couraça de proteção, na qual o controle sobre o corpo é fundamental. Analisando as falas dos sujeitos de sua pesquisa, o autor afirma que

> em algumas vezes, o armário parece encolher para se tornar o espaço do próprio corpo. Através da homofobia profundamente enraizada, vários homens falam sobre estarem constantemente disciplinando seus corpos, ações, falas e afetações, a fim de 'se passar' por heterossexuais. Eles temem que o seu comportamento possa traí-los e abrir a porta do armário.(Brown, 2000, p. 45, tradução nossa)·

As abordagens geográficas sobre o corpo como espaço são ricas e variadas. Apesar disso, é possível identificar um traço comum entre elas, interpretam sujeitos cujas marcas corpóreas trazem implicações desvantajosas nas experiências espaciais. Os sujeitos que reivindicam o direito a seus corpos sentem sua carne atravessada pelo poder que subjuga sua existência espacial. Os corpos marcados não gozam do privilégio da transcendência que homens brancos, heterossexuais alcançaram.

Enfim, as narrativas das mulheres que sofreram violência sexual, as quais inicialmente desconstruíram nossas hipóteses de que a geograficidade da experiência da violência sexual estaria sustentada pelos lugares onde a violência havia acontecido, abriu um novo caminho conceitual, o corpo como espaço. A próxima seção do artigo apresenta a interpretação das narrativas, bem como traz a voz das mulheres que compartilharam as suas experiências de violência.

O corpo como espaço na experiência feminina da violência sexual

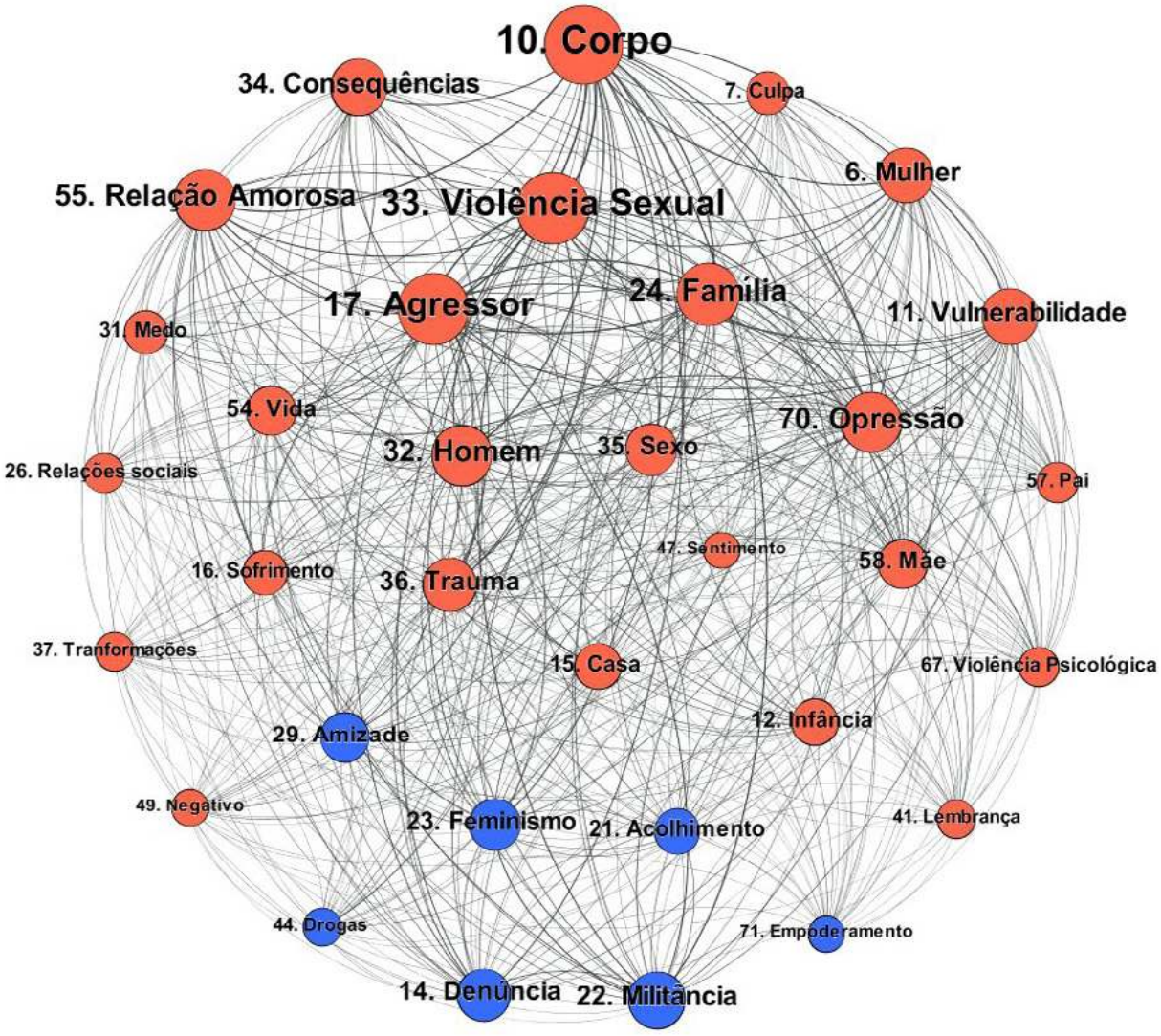
As mulheres que colaboraram com a pesquisa traziam narrativas profundamente emocionais e corporificadas. Soto-Villagran (2013) argumenta que, ao mesmo tempo que é no corpo que se experiencia as emoções, portanto, o corpo é lugar das experiências emocionais, as emoções ultrapassam a realidade individual e corporal. Elas são concebidas como coletivas e inseparáveis de outras escalas espaciais e das dimensões social, política e cultural. As narrativas são baseadas nas memórias, uma vez que as mulheres que colaboraram com a pesquisa já eram adultas, como pode ser verificado na figura 1.

Nome Fictício	Idade	Cor da pele	Escolaridade	Renda (Sal. Mín.)	Idade(s) na época da(s) violência(s) sofridas(s)	Agressor / relação
Anima	18	Branca	Ensino Médio Completo	20	12, 13 e 17	Namorado/ Namorado/ Rel. amorosa Informal e + 2 amigos
Makeda	23	Branca	Superior Incompleto	Menos de 1	Dos 8 aos 10 e 23	Irmão/ conhecido
Kahina	26	Branca	Ensino Médio Completo	6	6	Primo
Boudicca	24	Branca	Superior Incompleto	Menos de 1	23	Conhecido
Nanny	26	Negra	Superior completo	Menos de 1	23	Motorista do ônibus
Zenóbia	24	Branca	Superior incompleto	Menos de 1	6 e dos 10 aos 11	Amigo da família/ Vizinho
Yodit	21	Branca	Superior Incompleto	Menos de 1	Dos 9 aos 11	Padrasto
Triệu Thị Trinh	29	Branca	Superior Incompleto	1 e meio	Dos 20 aos 26	Namorado
Nzinga	21	Branca	Superior Incompleto	1 e meio	20	Desconhecido
Idia	22	Branca	Superior Incompleto	Menos de 1	20	Rel. amorosa Informal
Yannenga	20	Branca	Superior Incompleto	6	6 e 19	Pai/ Namorado

Figura 1-Perfil geral das mulheres entrevistadas
Fonte: Entrevistas realizadas entre 2014 e 2015.

Os dados da figura 1 evidenciam que atualmente essas mulheres possuem escolaridade e majoritariamente o agressor mantém o mesmo perfil já verificado nos 77 inquéritos analisados provenientes da Delegacia da Mulher de Ponta Grossa entre os anos de 2014-2015. As falas foram sistematizadas por meio de metodologia de análise de conteúdo de Silva e Silva (2016). Segundo os autores, o conjunto discursivo sistematizado forma a rede semântica, composta por meio de nós (categorias discursivas) em diferentes tamanhos (frequência da categoria discursiva que é enunciada na fala) e de arestas (ligações entre as categorias discursivas) de diferentes dimensões (frequência da ligação entre as categorias que são os nós). Tal rede se estruturou em duas comunidades discursivas que se constituem pela força das relações entre as categorias, calculadas por softwares de estatística e de rede.

O discurso feminino, depois de sistematizado, permitiu revelar as categorias discursivas e suas relações de maior frequência, formando duas comunidades distintas, representadas na figura 2.



sexual

Figura 2: Rede semântica geral do discurso das mulheres sobre a experiência da **violência**
Fonte: Entrevistas realizadas entre 2014 e 2015.

A comunidade discursiva com menor número de categorias (azul) se estrutura em torno de relatos das mulheres sobre a resistência e a busca de caminhos de superação do trauma, tendo como elementos centrais a militância feminista, mantida pelas amizades, acolhimento, capacidade de denunciar o ocorrido, rompendo com o silêncio da violência sofrida por elas. Assim, a ação de recuperação do trauma se faz de forma coletiva para essas mulheres, pela participação de experiências em coletivos de mulheres, como já evidenciado em Campos, Silva e Silva (2019). A outra comunidade discursiva (vermelha), pode ser examinada com maior detalhe na figura 3.

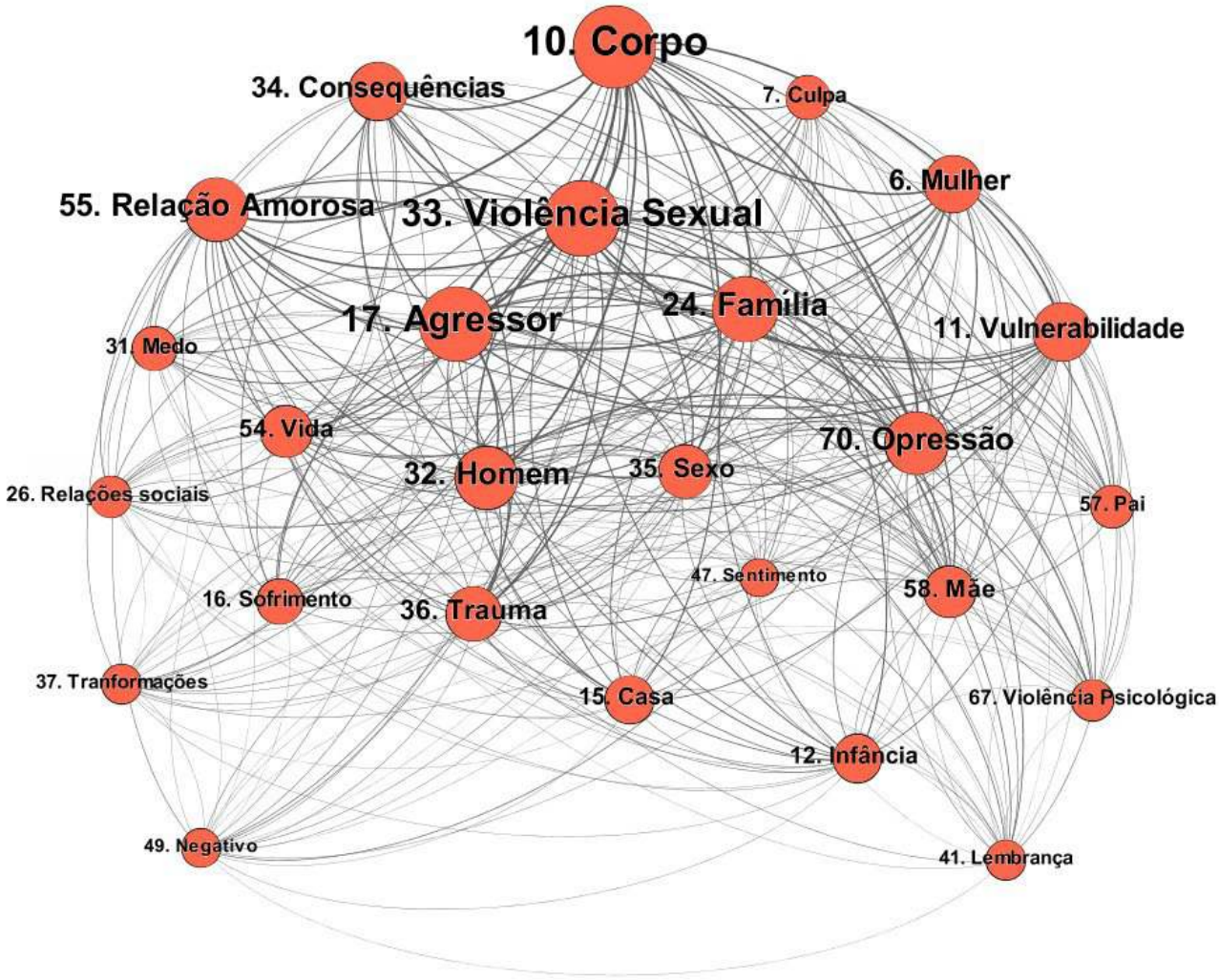


Figura 3: Comunidade discursiva sobre o corpo na experiência feminina da violência sexual
Fonte: Entrevistas realizadas entre 2014 e 2015.

Esta comunidade discursiva tem como nós de maior frequência de evocações sobre o corpo, violência sexual, agressor e a família, bem como traz as ligações mais expressivas entre elas, constituindo o centro de maior força da comunidade.

O corpo violado é narrado como um espaço íntimo. Anima, ao relatar a violência sofrida, traz a potência geográfica de sua frase: "teu corpo é o espaço mais teu possível." (Entrevista realizada com Anima, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014). Este espaço que é considerado próprio, quando violado, é narrado como perda do controle de algo importante para elas, mencionando que um limite entre elas e a exterioridade foi rompido, como pode ser constatado nos trechos de fala de Makeda e Nanny, que representam a tendência discursiva expressa na rede semântica.

> O corpo é uma parada que eu entendi que foi crucial assim. De ter perdido uma coisa, de nem você ter o controle do seu corpo. De chegar uma pessoa e invadir aquele espaço né. Então você não se sentir mais pessoa assim sabe? Então você não se sentir mais dona das tuas escolhas. (Entrevista realizada com Makeda, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

> Eu me senti violada sabe, como se alguém tivesse ultrapassado sabe, ultrapassado tudo sabe? Tudo. Porque fica aquela coisa. Ai meu, a vagina, aquela coisa guardadinha ali né tal. Mas assim, muito ultrapassada sabe, ultrapassou demais assim, foi uma violação, sabe, uma violação assim. Porque bem aquela coisa da fronteira da pele né, mas foi além né, entrou. (Entrevista realizada com Nanny, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

O corpo feminino violado é narrado como espaço de rejeição pelas mulheres entrevistadas, trazendo os sentimentos de nojo e culpa. Nanny diz o seguinte sobre como percebia seu corpo após a violência sexual sofrida: "Eu fiquei com nojo, muito nojo. Ainda quando eu penso, assim por muito tempo, que eu senti nojo. Eu me sentia muito suja sabe. Parecia que eu tava contaminada." (Entrevista realizada com Nanny, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015). A moralidade em torno do corpo feminino que deve permanecer intocado também é interiorizado pelas mulheres. A experiência da violência sexual é vivenciada para além da dor do corpo, mas também pela subjugação moral. Como argumentam Pile e Thrift (1995) e Nast e Pile (1998) o espaço corpóreo é um lugar de controle moral da sociedade e se sustenta pela legitimação do poder sobre os corpos femininos.

A culpa em torno da violação traz o corpo como um espaço que guarda um segredo, tal como visto em Brown (2000). O silêncio em torno da violência sexual se estabelece porque falar sobre ela implica ser julgada pela moral patriarcal em que as próprias vítimas são culpabilizadas pela violação. Anima relata esse sentimento interiorizado da seguinte forma: "eu cheguei em casa e eu tentei dormir. Eu fui tomar banho com dor assim sabe e tipo emocionalmente dolorida e esgotada, me questionando, se tinha sido estupro ou não, se a culpa era minha ou não. (Entrevista realizada com Anima, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014). A culpa é um forte componente das experiências emocionais vivenciada pelos corpos femininos que não é individual, mas que, conforme Soto-Villagran (2013) ultrapassa a realidade individual e se configura coletivamente em uma sociedade machista.

Tal como afirmado por Smith (1992), as mulheres entrevistadas reconhecem seus corpos como uma escala espacial produzida por relações e interações espaciais mais amplas, como a pressão da sociedade que a culpabiliza pela violência sexual. Nanny se expressa da seguinte forma: "é essa merda, que a gente fica por ser mulher, fica sempre pensando: ai, eu poderia ter evitado". Essa afirmação evidencia a forma como a corporalidade feminina é uma materialidade acionada socialmente como um corpo passível de ser violado, mas que deve manter o controle da salvaguarda moral, tal como entendido por Grosz (1995).

A culpa e o medo de revelar a violência sexual também implica ter um corpo marcado e sofrer todas as consequências advindas dessa marca. Afinal, um corpo violado para as mulheres significa muito mais do que uma experiência física de dor e de subjugação moral, mas compromete seu futuro, na medida em que um corpo marcado pela violência afeta como ele é interpretado também pelos outros, como sustentam Johnston e Longhurst (2010). Zenóbia, relata o temor do julgamento dos próprios familiares dizendo: "eu nunca tive a coragem de contar nem pros meus pais, porque eu achava que a culpa era minha." (Entrevista realizada com Zenóbia, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

As experiências de violência sexual relatadas trazem também a figura do agressor como central na rede semântica que evidencia os núcleos de sentido das falas das mulheres que colaboraram com a pesquisa. Tal qual verificado também nos inquéritos, as entrevistas trouxeram as figuras masculinas como agressores e, majoritariamente, como pessoas próximas do convívio familiar. Nesse tipo de relação em que há elementos emocionais que ligam as pessoas, as mulheres alegam dificuldades em identificar os limites que vão sendo ultrapassados. Valentine (2001) ao argumentar que o corpo marca a fronteira entre o eu e o outro, se constituindo em um espaço pessoal. Contudo, quando há relações familiares envolvidas nos limites físicos, quando as fronteiras são ultrapassadas, são incompreensíveis de imediato, notadamente quando se trata de crianças e adolescentes. A fala de Zenóbia ilustra bem como as emoções criam espaços de confiança e cumplicidade entre a vítima e o agressor. Nem sempre a vítima consegue reconhecer de imediato a agressão.

> Era uma relação de amizade assim, até o momento que ele [referindo-se ao agressor] começou [referindo-se a violência sexual]. Eu sempre gostei dele porque ele não começou de início fazendo isso. Eu sempre gostei dele. Quando criança, não tinha nada contra. Ele era um bom pai pro filho dele, ele era legal, até que ele começou a fazer essas coisas. Ai, eu comecei a odiar ele, eu odeio até hoje, odeio. Ele é uma pessoa que eu odeio. Antes, ele brincava com a gente, ele estava por perto, ele era normal. Ele fazia as coisas que a gente queria, ele era legal. Só que eu acho que ele estava tentando tomar a confiança pra daí fazer isso [referindo-se à violência sexual por parte do vizinho]. (Entrevista realizada com Zenóbia, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

A violência sexual envolve relações de dominação que compõe as corporalidades masculinas e femininas numa relação desigual de poder que é reforçada na escala do espaço privado, invisível aos olhos da sociedade, onde prevalece o poder masculino e adultocêntrico. A fala de Kahina é ilustrativa dessa dinâmica de poder:

> [...] eu fiz o que ele me pediu. Eu lembro, ele me deitou na cama, me tirou a calça que eu tava usando, uma bermuda, era verão. […] lembro dele me dizendo que se a minha mãe soubesse, eu ia apanhar. Ele tapou a minha boca e me dizia: não fala pra ninguém ou tua mãe vai te surrar. […] então ele baixou a calça dele e pediu se eu queria encostar nele. Eu disse que não. Então eu tentei sair correndo de novo e ele me segurou, pegou meus braços. Não precisa de muita força para segurar uma criança de 6 anos. (Entrevista realizada com Kahina, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

As falas trazem elementos de proximidade que as vítimas mantinham com seus agressores, criando uma situação em que a própria vítima se sente culpada pela violência sofrida, instituindo uma relação desigual de poder que se mantém, justamente porque é legitimada pela vítima, como aponta Foucault (1988). Quando vítima e agressor passam a guardar um segredo, se estabelece de forma abominável e culpabilização de quem precisaria de proteção. As normas de gênero e sexualidades que estruturam as famílias e a sociedade fazem com que a dominação masculina seja naturalizada hegemonicamente, fazendo da vítima parte do poder de quem a agride.

Os trechos de fala de Yodit e Yennenga ilustram a tendência discursiva que estruturou a comunidade discursiva evidenciada na figura 3. Suas falas trazem os mecanismos da criação de uma cumplicidade entre agressores e vítimas em torno da violência sexual. O agressor se vale de uma sociedade que responsabiliza as mulheres para construir a culpa como sentimento que garanta a permanência da violência. Mesmo assim, as vítimas se rebelam contra seus agressores, evidenciando uma subjugação que não é passiva por parte das mulheres.

> Eu já conhecia antes dele namorar com a minha mãe porque ele [referindo-se ao agressor] era pai de uma amiga minha. Daí tipo, ele sempre foi muito gente boa, muito animado. Sabe aqueles caras super engraçados e tal. Era ele, sabe. E quando ele começou a namorar com a minha mãe eu nossa, eu ache muito legal tal, porque eu gostava dele. Só que depois de um tempo ele começou a usar dessa confiança que ele tinha comigo pra abusar de mim. (Entrevista realizada com Yodit, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).
> […] tanto que eu virei pra ele [referindo-se ao agressor e pai biológico] e eu falei que se eu descobrisse que ele abusou de mais alguém eu ia matar ele dormindo e tal. (Entrevista realizada com Yennenga. Ponta Grossa, 20 de julho de 2014). […]

A família também é um nó importante da estrutura discursiva das mulheres que sofreram violência sexual. Tal categoria discursiva conjuga significados paradoxais nas falas das mulheres entrevistadas. Ao mesmo tempo que esta categoria discursiva faz parte fundamental da dinâmica da violência sexual, ela também se apresenta, em menor frequência, com o significado de acolhimento e proteção por parte de algumas mulheres da família.

A fala de Makeda, logo a seguir, traz a família como componente da violência sexual sofrida.

> […] eu acho que talvez por minha relação ser mais difícil com eles [referindo-se a família] do que a dele [referindo-se ao agressor / irmão]. É que se eles soubessem, eles nem iam acreditar sabe. Talvez fosse mais confortável não acreditar em mim e não sei, iam colocar a culpa em várias outras coisas. Colocar a culpa nas drogas que estou usando, em com quem eu tô andando, de realmente eles acharem que não. É que a palavra dele tem muito mais peso do que a minha dentro de casa. Por ele ter cumprido o que a minha mãe e o que o meu pai sempre traçaram pra gente né, que é ter uma casa, uma família, um filho e eu fugir dessa lógica. […] eu acho que eu culpo bastante minha mãe assim e o meu pai. De não conseguir entender como eles não perceberam [referindo-se à violência sexual praticada pelo irmão contra ela], tava no nariz assim, na frente deles e toda as minhas ações depois sabe. (Entrevista realizada com Makeda, Ponta Grossa, 20 de junho de 2015).

Já a fala de Yodit mostra a família como possibilidade de rompimento com a violência, evidenciando que o corpo é uma escala que negocia com as outras, podendo constituir uma configuração diferente daquela esperada pelas relações de poder instituídas hegemonicamente, como sustenta Smith (1992, 1993).

> [...] daí ela [referindo-se a avó] falou bem assim: eu já sei de muita gente que aconteceu isso [referindo-se a violência sexual]. Você não é a primeira, só que você tem que saber que você tem família e eu vou cuidar de você. (…) Eu acho que a minha avó sabia, porque ela chegou e falou assim: olha eu vou falar pra sua mãe pra ele [referindo-se ao agressor e padrasto] nunca mais aparecer aqui. (Entrevista realizada com Yodit, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

Nesta seção exploramos o corpo como espaço geográfico concebido pelas vivências femininas de violência sexual. A rede semântica geral (figura 2) se estrutura em duas comunidades discursivas que são complementares entre si, evidenciando que as mulheres não apenas sofrem a violência sexual, mas lutam e se organizam para superá-la. A comunidade discursiva expressa na figura 3 evidencia que o corpo possui centralidade na discussão da violência sexual, agregando a figura do agressor e da família em torno dela. A estrutura das narrativas envolvem muitas outras categorias discursivas que não conseguimos detalhar no escopo de um artigo científico. Contudo, cabe ainda ressaltar que as outras categorias como relações amorosas, trauma, opressão e assim por diante, não são possíveis de serem superadas de forma a apagar a experiência da violência sexual. A ajuda psicológica, de redes de amizades e militância feminista auxiliam no processo de construir novos caminhos, mas as marcas permanecem, embora que ressignificadas com o passar do tempo.

Considerações finais

Este artigo construiu a compreensão do corpo como espaço geográfico na perspectiva das mulheres vítimas de violência sexual. Tanto os inquéritos estudados como as mulheres entrevistadas trazem os relatos da violência a partir da significação dos corpos masculinos e femininos, agregando à violência sexual os aspectos de gênero e poder. Os corpos femininos são os mais vitimados, conforme os dados levantados. São considerados corpos a serem violados e apropriados pelo poder que é majoritariamente masculino, heterossexual e adulto. No fenômeno da violência sexual se opõe o feminino como vítima e o masculino como autor da agressão e isso não é algo acidental ou natural. Faz parte de uma estrutura social e espacial que delimita espacialmente os corpos femininos e masculinos. Ao mesmo tempo em que a sociedade dita as normas de que o espaço privado é feminino e o público e masculino, essas mulheres denunciam a invisibilidade de seu sofrimento. Os discursos hegemônicos, tanto do ponto de vista social como científico silenciam essas mulheres. Portanto, é imperativo que a geografia brasileira se abra para novas perspectivas, a fim de constituir espaços menos sexistas. Enfim, afirmamos que este artigo trouxe para o campo da geografia brasileira, com a colaboração das mulheres que participaram da pesquisa, o corpo como espaço geográfico. O corpo dessas mulheres é um espaço pessoal, delimitado pela fronteira que se estabelece entre elas e os outros, tendo sido apropriado pelo seu agressor que a subjuga, não apenas pelo ato da violência sexual em si, mas por todas as relações de poder patriarcal que dominam a moralidade sobre os corpos femininos nas outras escalas espaciais, desde a casa até o global.

Referências

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BINNIE, Jon, LONGHURST, Robyn, PEACE, Robin. Upstairs/downstaits – Place matters, bodies matter. In: BELL, David; BINNIE, Jon; HOLLIDAY, Ruth; LONGHURST, Robyn. **Pleasure zones:** bodies, cities, spaces. New York: Syracuse University Press, 2001, p. vii-xiv.

BROWN, Michael P. **Closet space:** Geographies of metaphor from the body to the globe. London: Routledge, 2000.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de

Renato Aguiar. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'. Barcelona: Paidós, 2005.

_____. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

CAMPOS, Mayã Pólo de, SILVA, Joseli Maria e SILVA, Edson Armando. Emoção corporificada e potência para constituição de espaços de luta para superar a violência sexual sofrida por mulheres. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, p. 37-50, 2019.

DAVIS, Angela. I used to be your sweet mama: ideology, sexuality and domesticiy. In: _____. **Blues legacies and black feminism**. New York: Vintage Books, 1998. p. 3-41.

_____. **Mujeres, raza y clase.** Madrid: Akal, 2004 [1981].

DELANEY, David and LEITNER, Helga. 'The political construction of scale'. **Political Geography**, v. 16, n. 2, p. 93–97, 1997.

GROSZ, Elizabeth. Bodies-cities. In: **Space, Time, and perversion**. Essays on the politics of bodies. New York: Routledge, 1995. p. 83-102.

HEROD, Andrew. **Scale**. New York: Routledge, 2011.

HOOKS, bell. **Ain't I a woman:** black women and feminism. London: Pluto Press, 1982.

_____. **Talking back**: thinking feminist, thinking black. Boston: South End Press, 1989.

_____. Mujeres negras: dar forma a la teoría feminista. In: ALEXANDER, Jacqui; MOHANTY, Chandra Talpade. Genealogias, legados, movimentos. In: HOOKS, bell; BRAH, Avtar; SANDOVAL, Chela; ANZALDÚA, Gloria. **Otras inapropriadas**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004 [1984]. p. 33-50.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, [1974] 1991.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Zeferino, HEIDRICH, Álvaro Luiz e COSTA, Benhur Pinós da. **Plurilocalidades do sujeito**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016. p. 56-75.

JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex:** geographies of sexualities. Rowman & Littlefield: Lanham, 2010.

LONGHURST, Robyn. (Dis)embodied geographies. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 4, p. 486 - 501, 1997.

MARSTON, Sallie A. The social construction of scale. **Progress in Human Geography**. v. 24, n.2, p. 219–242, 2000.

MCDOWELL, Linda.**Gender, identity and place:** understanding feminist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

NAST, Heidi; PILE, Steve. **Places through the body**. London: Routledge, 1998.

PILE, Steve and THRIFT, Nigel. **Mapping the Subject:** Geographies of Cultural Transformation, London, Routledge 1995.

PILE, Steve. **The body and the city***:* psychoanalysis, space and subjectivity. New York: Routledge, 1996.

RICH, Adrienne. Notes toward a politics of location. In: RICH, Adrienne. **Blood, bread, and poetry:** selected prose 1979- 1985. London: Virago Press. 1984, p. 210-231.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

SILVA, Joseli M. **Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica.** In: _____. (Org.). Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009a. p. 55-93.

SILVA, Joseli M. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica**. In: _____. (Org.). Geografias subversivas**:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009b. p. 93-114.

SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose, CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria. **Ofício, Engenho e Arte: inspiração e técnica na análise de dados**. Revista-Latino Americana de Geografia e Gênero, v.7, n.1, p. 132- 154, 2016.

SIMONSEN, Kirsten. **The body as battlefield**. Transactions of the Institute of British Geographers. v. 25, n. 1, p. 7-9, 2000.

SMITH, Neil. **Contours of a spatialized politics: homeless vehicles and the production of geo-graphical scale**. Social Text, n. 33, p. 55–81, 1992.

SMITH, Neil. Homeless/global: Scaling places. In: BIRD, Jon, CURTIS, Barry, PUTNAM, Tim, ROBERTSON, George and TICKNER, Lisa (eds). **Mapping the Futures:** Local Cultures, Global Change. London: Routledge, 1993, p. 87–119.

SOTO- VILLAGRAN, Paula. Soto-Villagran **Entre los espacios del miedo y los espacios de Ia violencia: discursos y practicas sabre Ia corporalidad y las emociones** In: ANGEL-AGUILAR, Miguel Angel y SOTO-VILLAGRAN, Paula. Cuerpos, Espacios y Emociones**:** Aproximaciones desde las ciencias sociales. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2013. p. 197 – 2017.

SPIVAK, Gayatri C. **Can the subaltern speak?** In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Eds.). **Marxism and the interpretation of culture.** Basingstoke, UK: Macmillan Education, 1988. p. 271- 313.

VALENTINE, Gill. **Social Geographies:** space and society. Harlow: Pearson Education, 2001.